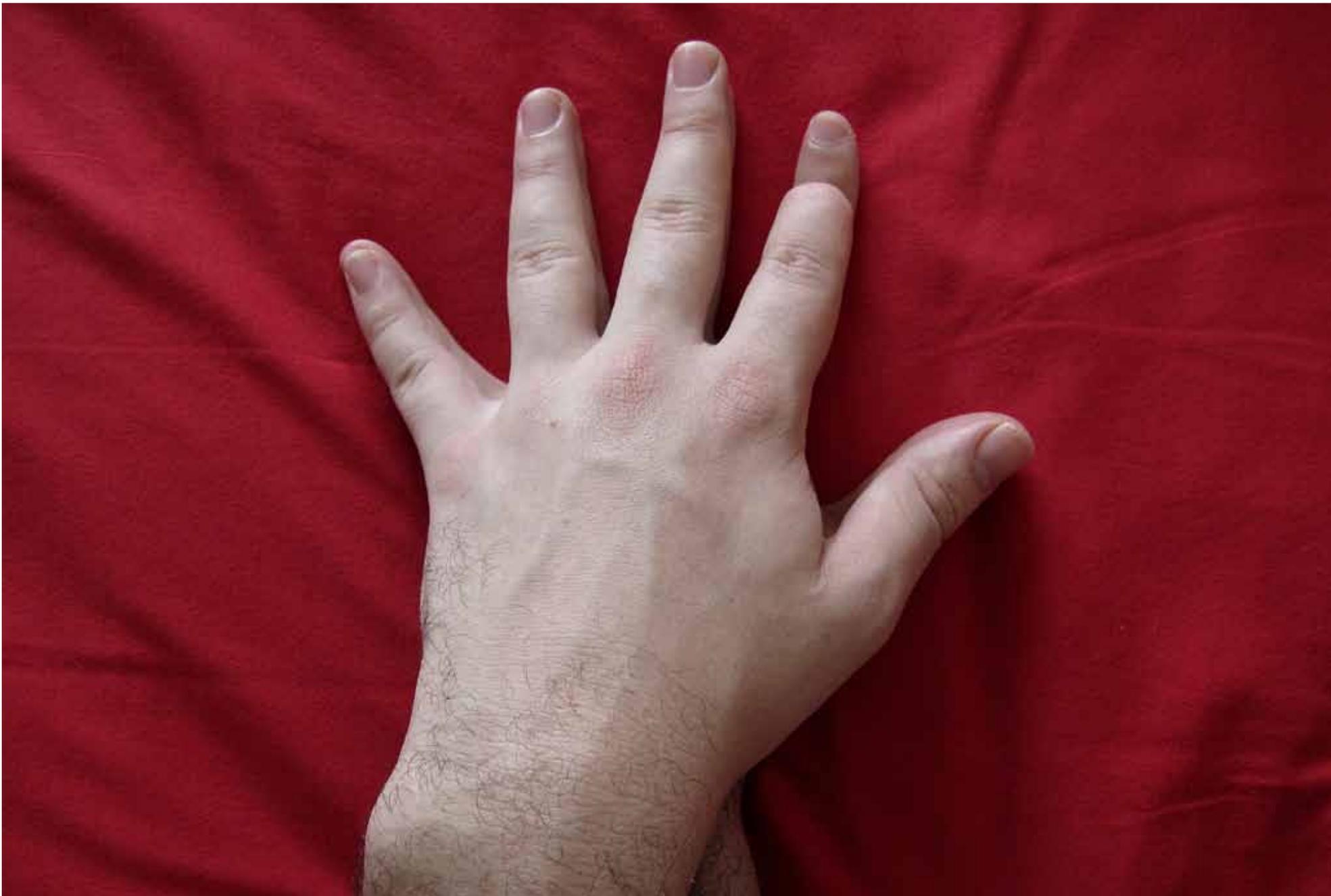


LEOAYRES

Este portfolio apresenta um resumo de trabalhos desenvolvidos entre 2006 e 2011. Os textos críticos, escritos por ocasião de exposições individuais, apresentam cada grupo de obras.



Pedaço de mim | 2011 | fotografia | 30 x 40 cm





Truques de copas | 2011 | cartas de baralho recortadas e linhas brancas | dimensões variáveis



Vaga para rapazes | 2011 | fotografia | 30 x 40 cm

Discoteca de mão, ou a amizade como forma de vida

Terão que inventar de A a Z uma relação ainda sem forma que é a amizade: isto é, a soma de todas as coisas por meio das quais um e outro podem se dar prazer. Michel Foucault

De repente, começamos a espiar, a observar à distância, a nos colocar no lugar do artista, na posição de voyeurs. E é estranha a sensação de ambiguidade despertada: um pouco de desconforto e muito de curiosidade. Quase como se estivéssemos invadindo um mundo íntimo, particular, uma situação da qual não nos caberia participar, e, ao mesmo tempo, experimentásemos uma espécie de familiaridade, de proximidade com aqueles que são observados, com o lugar que acolhe essa relação aparentemente distanciada. Como não sentir empatia? Por que não nos deixar seduzir?

Partilhar é também abandonar-se. E se é de afeto que trata Leo Ayres, do processo recíproco de afetar e afetar-se, Discoteca de Mão só pode ser uma súplica poética. Podemos aí vislumbrar um pouco de cada um dos seus trabalhos, um apanhado das questões que instigam e interessam o artista, mas também a insinuação de novas possibilidades a serem exploradas. Tanto quanto o gesto lúdico da lanterna que ilumina o globo espelhado, sensibilizamo-nos pelo desejo-inquietação do estar junto através da constituição co-partilhada de um tecido afetivo, pelo anseio subjacente da amizade como modo de vida.

Esse desejo-inquietação é a matéria pulsante trabalhada pelo artista, desdobramento de anseios íntimos transplantados para a dimensão pública da exposição. Assim, a galeria passa a ser um ambiente múltiplo, um misto de espaço expositivo e coleção de fragmentos de uma disco club imaginária. Na parede o instante congelado, o rastro de uma passagem, como se estivéssemos diante de uma fotografia desumanizada, porém desejante da presença daqueles que a animariam. Não são mais as frações de espelho que projetam pontos de luz sobre nós, mas nós que nos projetamos – que projetamos nossos desejos – sobre essas superfícies marcadas na escuridão do *dancefloor*.

Ao sugerir, dissimular e estender poeticamente a abrangência de sua proposta para dentro e fora da galeria, Leo reafirma o convite à participação. Não basta alimentar o sentimento de empatia, mas também a vontade de co-atoar, de passar de observante a observado, colocar-se de fato no lugar do outro. Desse modo, somos instigados a completar aquilo que não nos é dado, a inventar uma relação ainda sem forma. Na grande performance por ele sugerida, precisamos somar para tecer a trama imaginária que nos une, para construir a amizade possível, mesmo que hipotética, entre espectador e artista, entre um eu e um outro.

Ivair Reinaldim
2011



Discoteca de mão | 2011 | vídeo | 4'40"



Strangers in the Night é resultado de uma performance realizada em um clube noturno na noite de abertura da minha individual Discoteca de Mão. Com as luzes apagadas e músicas românticas tocando, distribuí cinquenta globos espelhados e cinquenta lanternas entre os participantes.



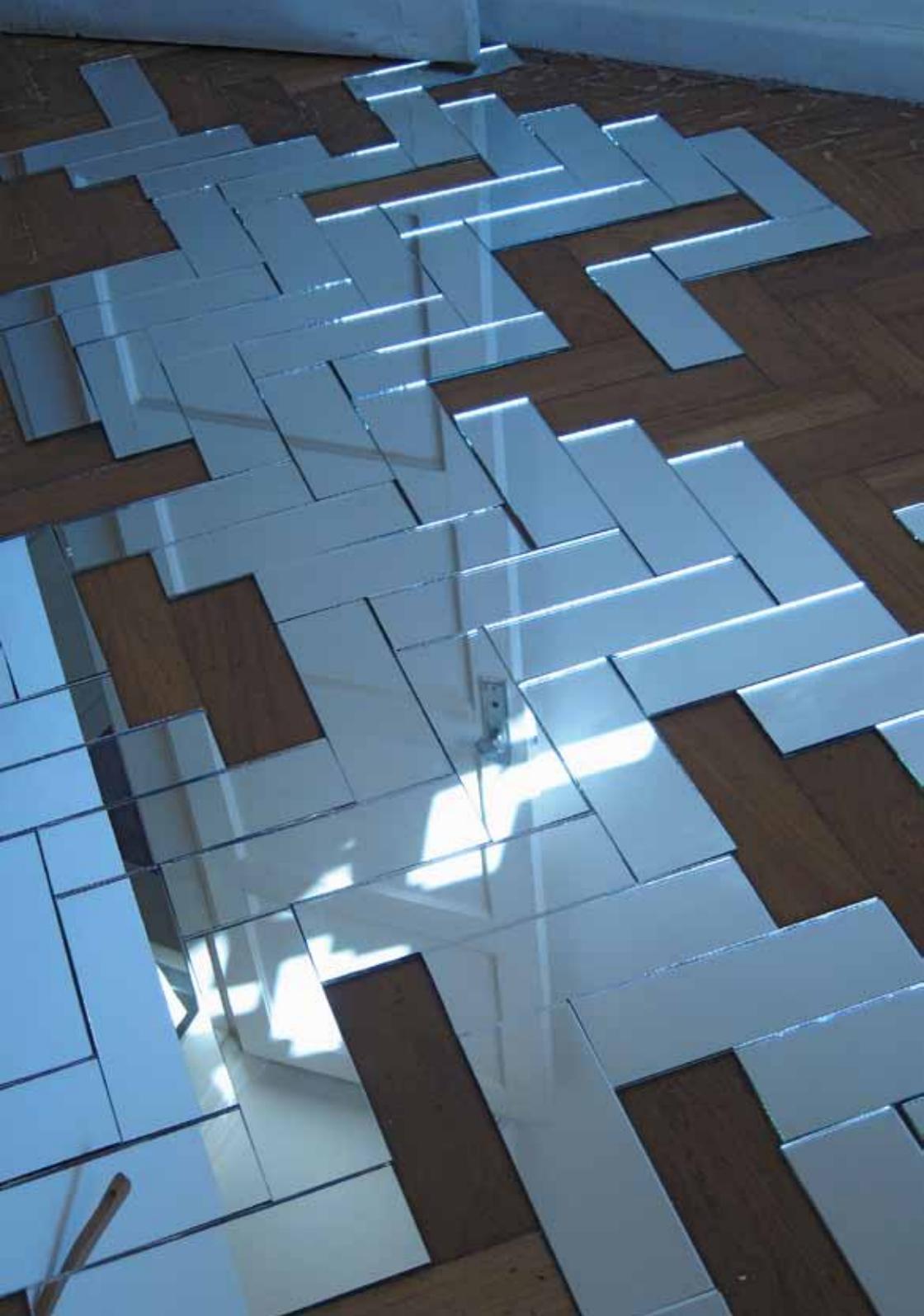
Strangers in the night | 2011 | video | 3'30"



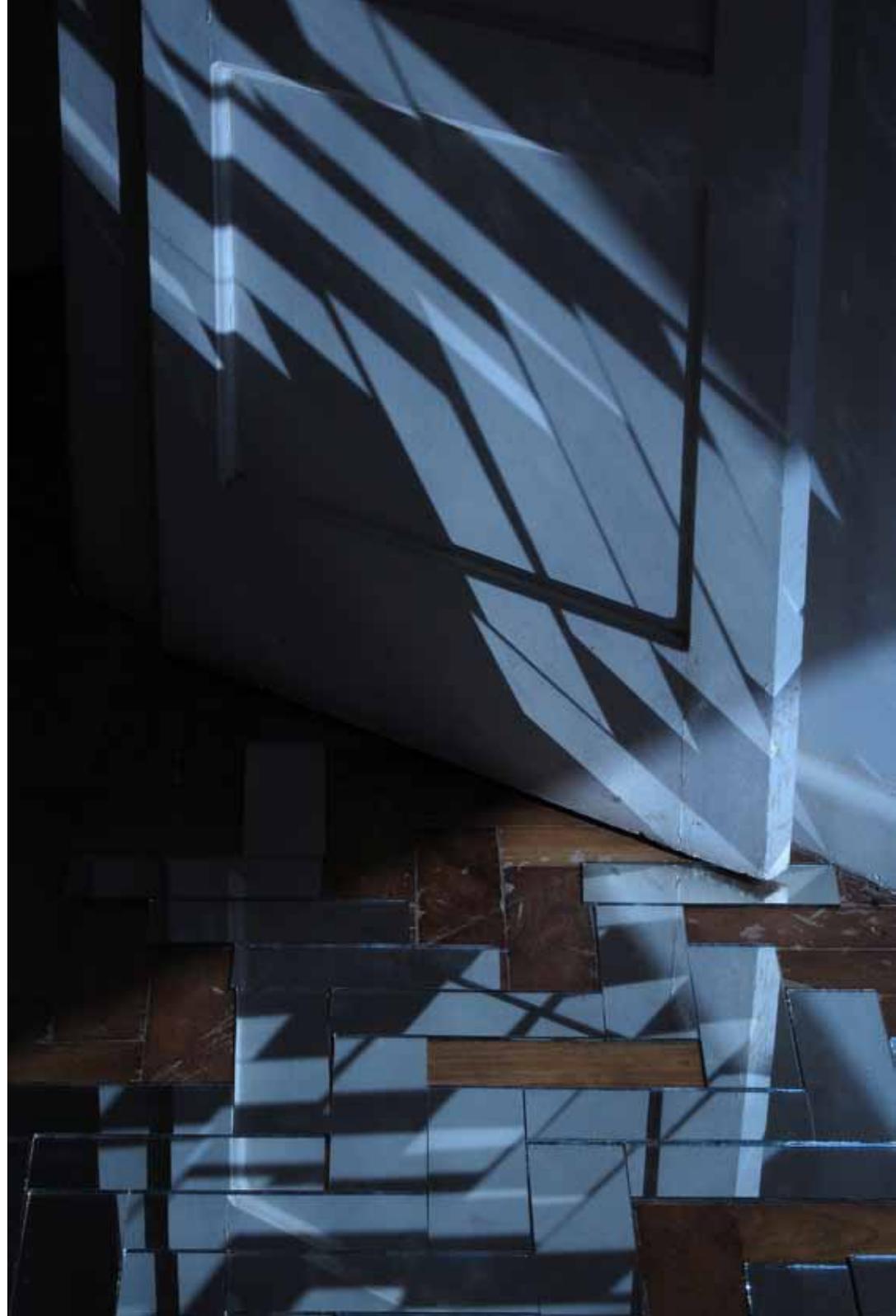
Bolas | 2011 | globos espelhados e corrente | 34 x 10 x 5 cm



Ritmo da noite | 2011 | grafite e acrílica sobre parede | dimensões variáveis



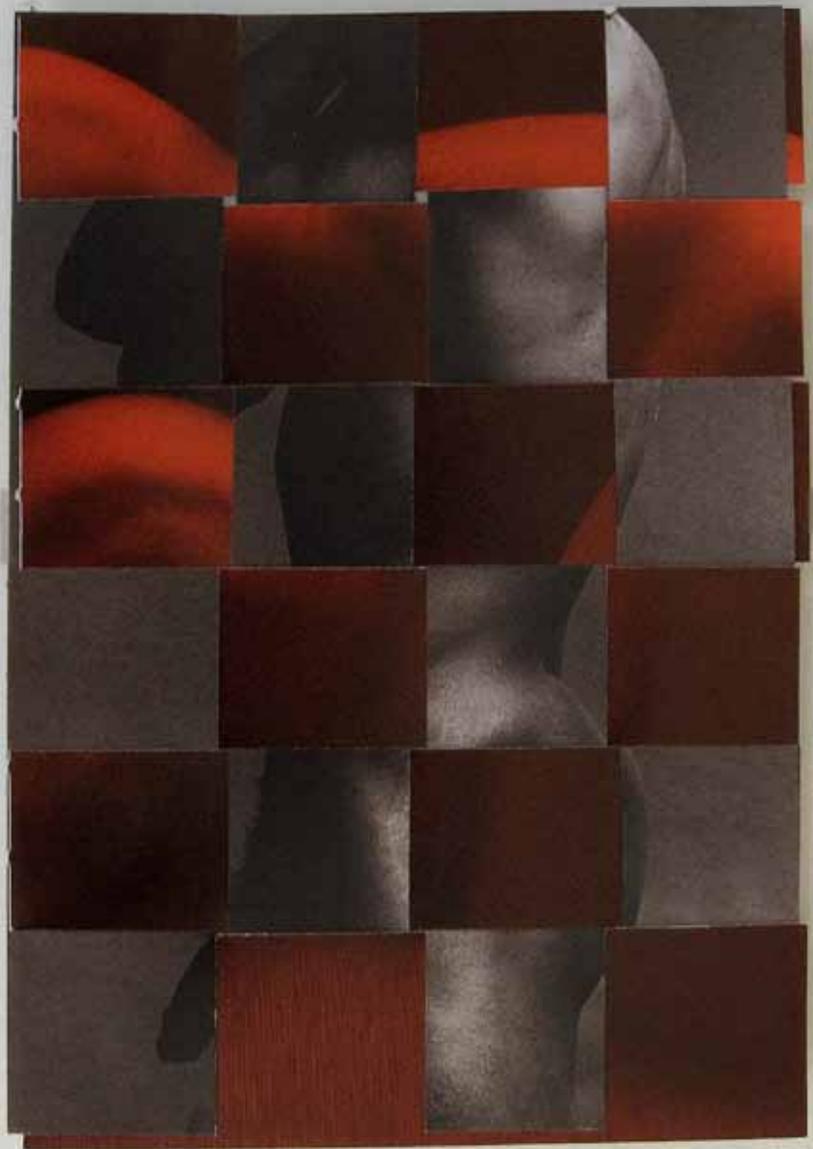
Sem título
2011
espelhos sobre piso
21 x 7 cm cada







Onde pisa | 2011 | colagem de recortes de revista | 21 x 15 cm



O grande escândalo num sussuro de Tirésias

(ao meu amor)

Acteon, um ilustre caçador grego, desviando-se de seu caminho em meio aos ciprestes, penetrou, bravamente, uma encantadora gruta em busca de animais escondidos. Por um acaso, surpreendeu a deusa Diana, irmã de Apolo, nua em banho. Sempre orgulhosa de sua resistente castidade, vingou-se, transformando Acteon em um cervo - com chifres, cascos e pelos – para que este não pudesse espalhar os relatos de sua recente e inédita experiência visual. Voltando, assustado, ao seu trajeto inicial pela floresta, o caçador foi devorado, como veado, por seus próprios cães de caça.

Foi este mito grego a primeira inspiração da presente exposição, em que o artista carioca Leo Ayres faz-se um Acteon: sendo sujeito de uma caça ao outro, torna-se objeto por seu próprio voyeurismo.

A origem naquele jogo de transformações mitológicas criou estranho fenômeno real: neste lugar onde pisamos, somos tomados por espíritos. Não que Leo quisesse isso. Nem que não quisesse. Mas eles vêm. Com os olhos fixos na pequena caixa negra, que exhibe registros feitos através de um olho mágico, sou um obsessivo observador dos rituais privados de um vizinho entre a porta de sua casa e a do elevador. No restante da exposição, estou dentro do ambiente privado no qual, curioso, investigo vestígios do que já houve aqui. Se era outro ou se era eu, é difícil saber; mas alguém esteve com os pés sobre estes tapetes de banheiro. Talvez fosse a mão do outro que, pela falta de uma falange, revelasse minha presença sobre ele. Ou o contrário. No recorte deixado por um espelho, surge um olho que pode ser meu ou seu ou dele. Neste espelho, estou refletido você nu segurando a câmera que te fotografo no espelho em que apareço sozinho.

No tapete ou sobre a mesa, trepamos todos naquela árvore - ou fora dela. O jogo continua até quando os corações de copas pingam em gotas e deixam peito aberto; até quando as cartas dadas são de paus vermelhos. Até mesmo quando sumo em um fundo de parede. Então, alguém me sussura na língua de Tirésias, melhor do que eu poderia dizer: “O que você quer mais? Eu já arranhei minha garganta toda atrás de alguma paz. Aprontei demais - só vendo! -, mas, agora, faz um frio aqui. Me responda, tô sofrendo: Dou gargalhada, dou dentada na maçã da luxúria - Pra quê? Se ninguém tem dó, ninguém entende nada! O grande escândalo sou eu aqui, só!”

Nesta casa, você precisa estar perto para ver, para ouvir. Tudo pede relação, tudo pede atenção, tudo implora por afeto: desesperado por existir. Antes que eu voltasse a qualquer coisa, sua voz sai de minha boca, na língua de Tirésias, dizendo: “A casa está bonita. A dona está demais. A última visita, quanto tempo faz? Balançam os cabides, lustres se acenderão: O amor vai pôr os pés no conjugado coração. Será que o amor se sente em casa? Vai sentar no chão? Será que vai deixar cair a brasa no tapete coração? Quando aumentar a fita, as línguas vão falar que a dona tem visita e nunca vai casar. O amor já vai embora ou perde a condução. Será que não repara a desarrumação? Que tanta cerimônia se a dona já não tem vergonha do seu coração?”
O espírito, por vez, vai embora.

A escolha do título “Como Eu” para sua primeira mostra individual em São Paulo expõe um triplo sentido que revela a centralidade da primeira pessoa (pela comparação), a divulgação não vulgar de um seu privado (pela ação) e sua vontade de teor poético

(pela própria construção). Esta mostra tem escala e aura domésticas, além de um vulto de uma latente presença cuja quase existência é narrada pela ausência que se sente. Naquilo que lhe falta, sentimos tudo que há ali: intimidade, circularidade, rumor, devir, camuflagem, fusões e um respeitável destemor de se falar de afeto, de amor, de si e do outro.

Bernardo Mosqueira

2011



Clifford Coffin, Robert Bishop, 1954

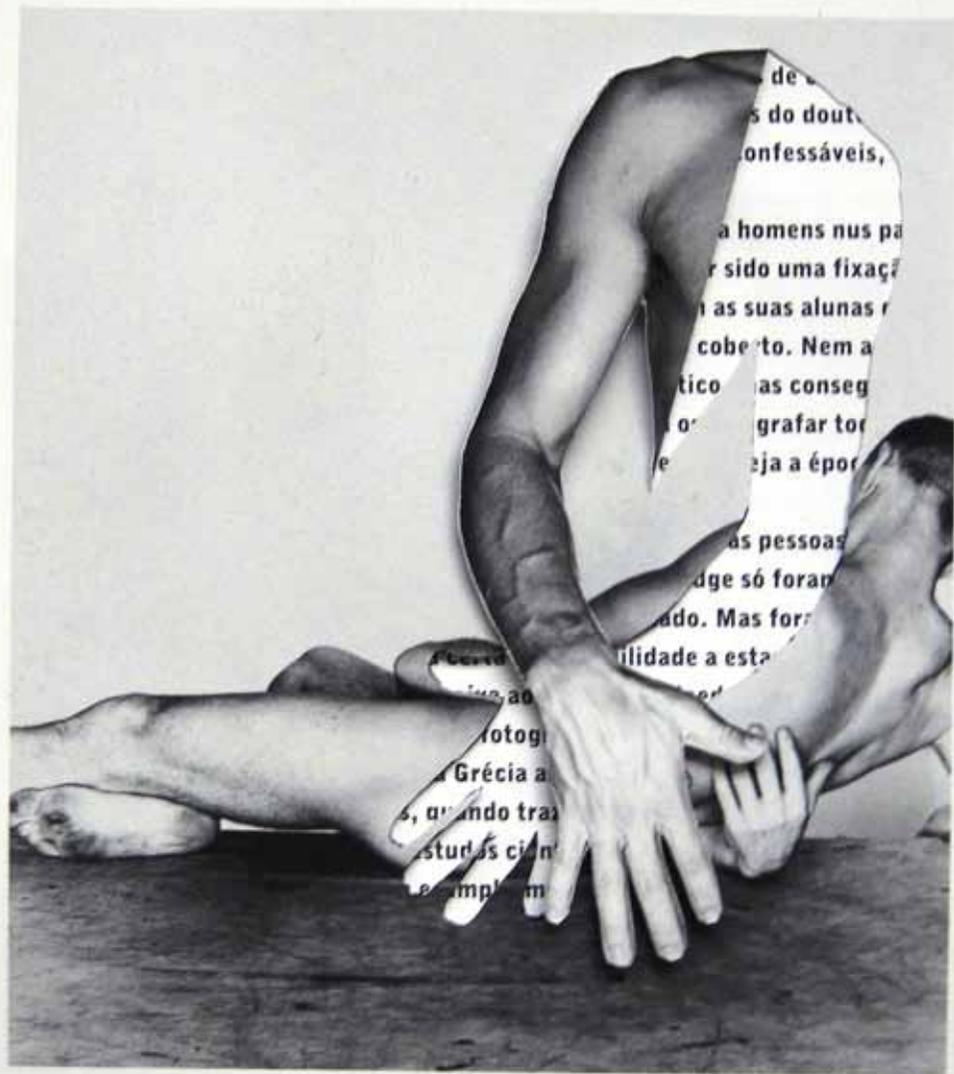


290

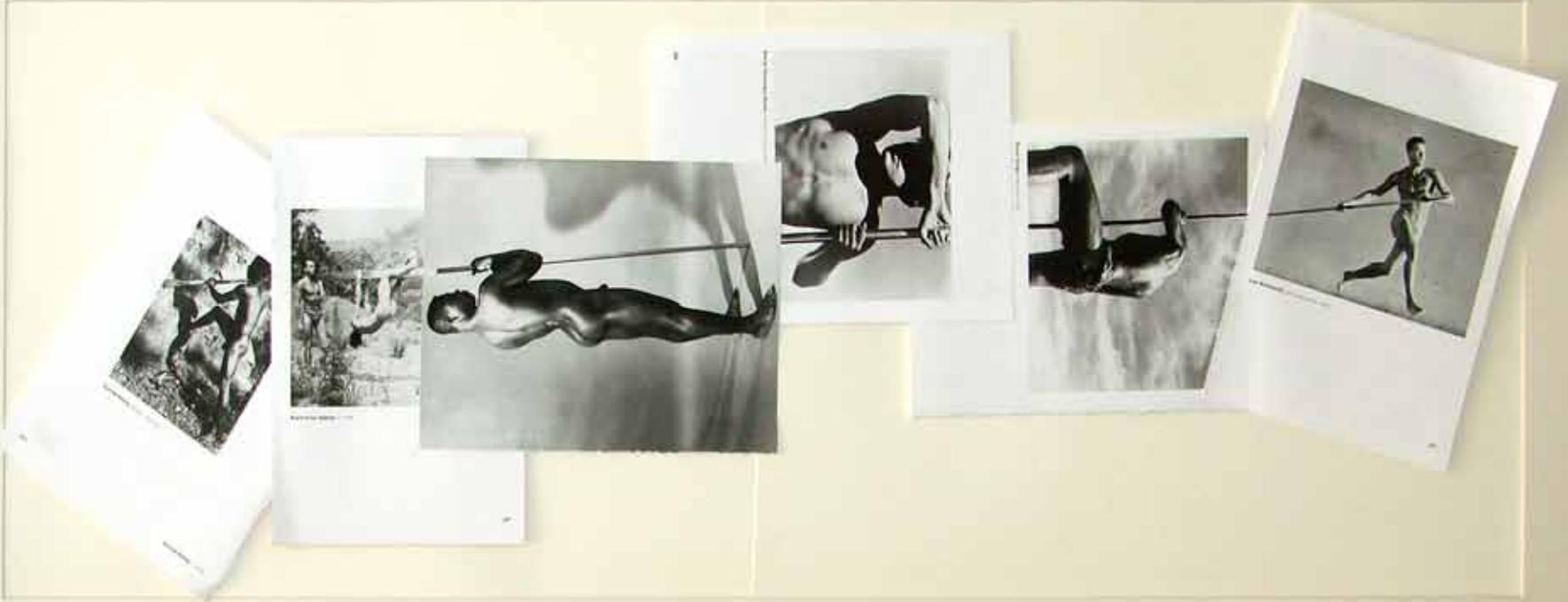


82

Guglielmo Pizzichini, 1900



George Platt Lynes, *Ernest Henry in the Arms of Neel Bate*, c. 1953





Blake Little, Derek and Keith, 1996





Nu | 2010 | tapete de banheiro, pelos e cola | 50 x 70 cm





Interseções | 2011 | camas recortadas e encaixadas | dimensões variáveis

Operação: camuflagem

...O Oficial Ayres será premiado com uma menção honrosa, pensou a mulher, enquanto terminava a inscrição da incompreensível fotografia – apenas uma camuflagem, como a do boné que ele usava – no Salão da Academia Militar das Agulhas Negras. Mas, Leo nunca praticou exercícios militares, nem compartilhou com soldados os modestos dormitórios da AMAN. Apenas os observa à distância. E, enquanto preenche o formulário, experimenta a sensação de estar entre eles, ser como eles. Lembra que o exército usa o calor gerado por uma pessoa, como uma assinatura térmica, para detectar o inimigo quando este se confunde com os elementos visuais do ambiente e não pode ser imediatamente identificado. Leo assina o formulário e entrega a fotografia-camuflagem. Age com certa indiferença; repete comportamentos esperados naquela situação. Não quer ser identificado. Tem início a Operação Camuflagem. O território a ser invadido pode ser penetrado, desde que adotada a camuflagem adequada.

Sabe-se que ao analisar informações visuais, percebemos a continuidade de cores e de padrões formais. Quando há uma quebra de continuidade o indivíduo é notado. Uma vez identificada, e mesmo camuflada, uma pessoa se destaca porque a organização da percepção torna-se diferente: procura uma única pessoa que se torna um alvo. Então, parece estranho que não tenha sido vista antes. Em um primeiro momento a camuflagem provoca o desaparecimento do indivíduo no todo; permite estar na cena sem ser visto. Uma vez descoberta é inútil.

Em Operação Camuflagem, mesmo os limites do território investigado estão dissimulados. O que estaria sob investigação? O sistema de arte ou a academia militar? Os limites do campo da arte ou o reduto

protegido pelos portões de instalações militares? Algo que tenham em comum?

Suspeita-se que tanto a hierarquia militar – emblema do controle do comportamento social – como certas regras da boa arte são afirmadas por mera imposição. Ao peso da “autoridade” soma-se um sistema de recompensas – prêmios medalhas ou apenas uma “menção honrosa”, como a que recebeu o Oficial Ayres. Os salões, herdeiros da tradição do ensino nas academias de Belas Artes do século XIX, tornaram-se, com o tempo, caricaturas das formas de circulação da arte no mercado – para alguns, uma camuflagem identificada.

O Oficial Ayres é portador de uma alteração visual, valiosa para a identificação de objetos camuflados: vê certas cores alteradas. Talvez por este motivo esteja investido desta operação em que comportamentos dissimulados são flagrados em situações nas quais seriam inaceitáveis (certos daltônicos são convocados à linha de frente porque identificam mais facilmente objetos camuflados). A intimidade dos soldados é observada por ele, indiretamente, mas com a naturalidade de quem apenas observa. Dormitórios e banheiros coletivos vazios mostram-se intensamente povoados. Os soldados que não vemos, na série de fotografias, estão nus. Podemos observá-los nos detalhes que quebram a seqüência do mobiliário idêntico, nas malas guardadas na parte superior dos armários, no desarranjo dos travesseiros e roupas sobre a cama. Estes flagrantes da intimidade detectam o calor dos seus corpos.

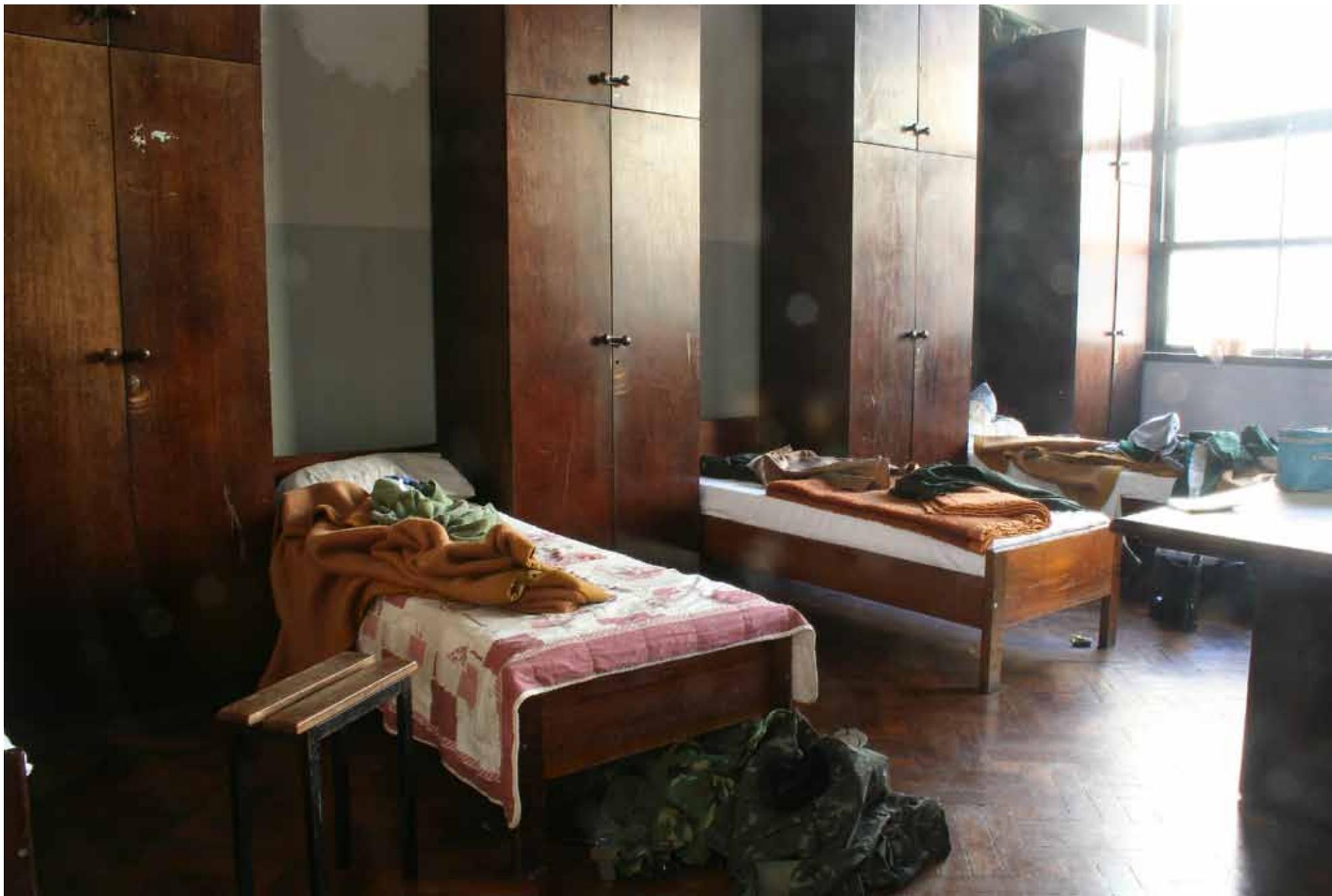
Algo semelhante se revela na desorganização da sala em que se realizam as inscrições para um salão com o tema “exército” e circula discretamente entre os

objetos registrados pela câmera, ambos vão narando relações que não se apresentam de imediato. É que o Oficial Ayres adota uma tática peculiar de

camuflagem: ora torna-se o outro, ora se infiltra na intimidade alheia. Observa, à distância, para estar mais perto, mover-se como se estivesse lá, habitar sem ser visto. É uma tática de investigação mais que de ataque, de aproximação mais que de combate.

Luiza Interlenghi

2008



Together, feeling lonely | 2006 | fotografia



Together, feeling lonely | 2006 | fotografia



Together, feeling lonely | 2006 | fotografia



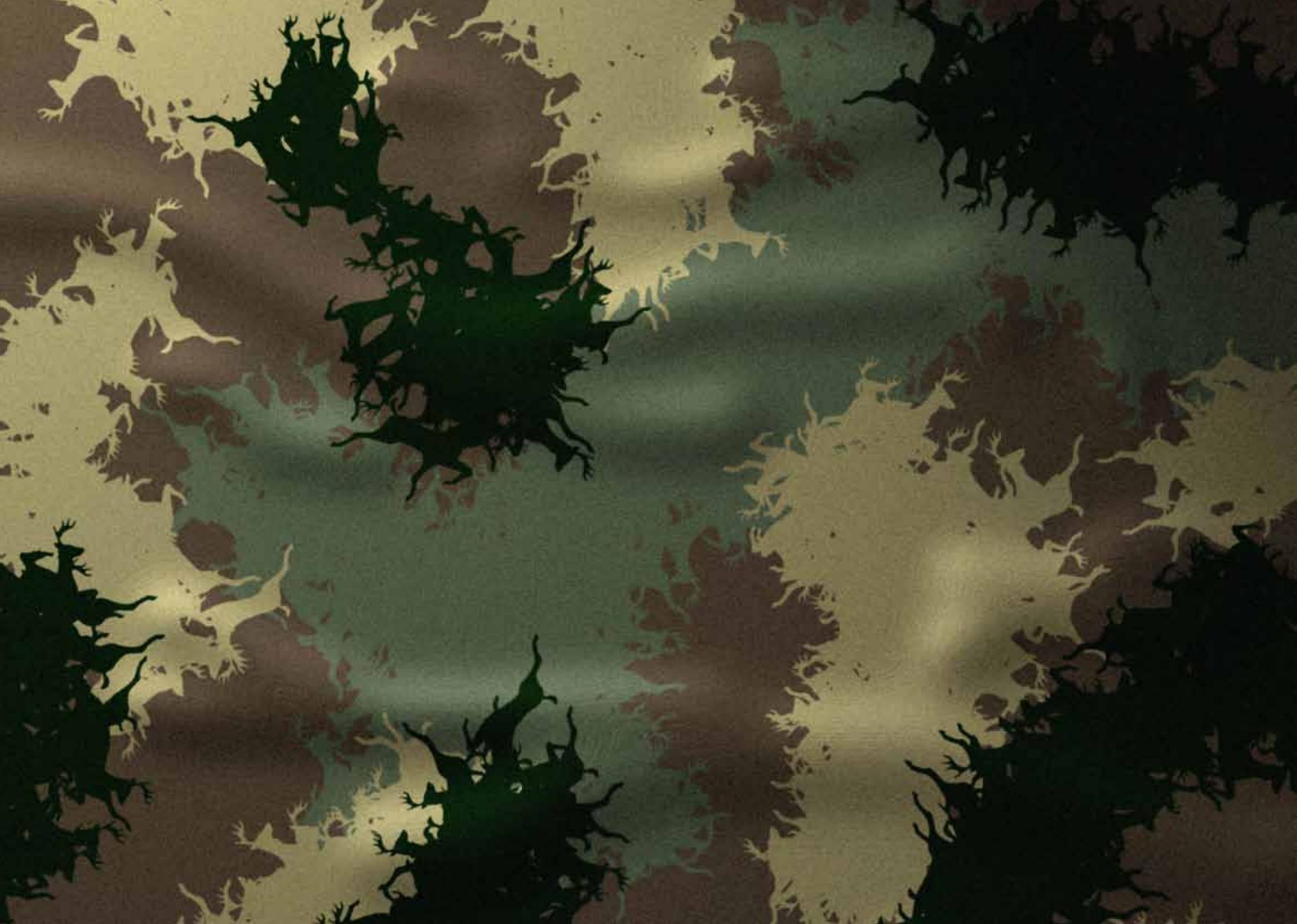
Operação: camuflagem

2007

video

6'27"

O video mostra o artista se inscrevendo com uma fotografia em um salão de artes dentro de uma academia militar. Ele é premiado e depois revela que sua fotografia de uma camuflagem era, na verdade, composta de inúmeros veados.





Leo Ayres, 1975
nasceu e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil
leo@leoayres.com

www.leoayres.com

Exposições individuais

2011

Discoteca de Mão, Cosmocopa Arte Contemporânea, Rio de Janeiro/RJ
Como Eu, Galeria Oscar Cruz, São Paulo/SP

2008

Operação: Camuflagem, Espaço Cultural Furnas, Rio de Janeiro/RJ

Exposições coletivas

2011

Valparaíso - UFPR, Curitiba/PR - curadoria Paulo Reis
Schrödinger's Menagerie - Artlink A.E. England Gallery, Phoenix/AZ
Novíssimos - Galeria de Arte Ibeu, Rio de Janeiro/RJ
Jogos de Guerra - Centro Cultural da Caixa Econômica Federal, Rio de Janeiro/RJ
Acervo transparente - Cosmocopa Arte Contemporânea, Rio de Janeiro/RJ

2010

Até 2011 - Cosmocopa Arte Contemporânea, Rio de Janeiro/RJ
Jogos de Guerra - Memorial da América Latina, São Paulo/SP
Quase Casais - Maus Hábitos, Porto, Portugal
Com Afeto, Rio - Galeria Oscar Cruz, São Paulo/SP
Postcards from the Edge - ZieherSmith, New York
"Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome." - curadoria de Bernardo Mosqueira, Rio de Janeiro/RJ
Vide-Espontâneo - Oi Futuro - Rio de Janeiro/RJ - curadoria de Isabel Portella

2009

Estranho Cotidiano - Galeria Movimento, Rio de Janeiro/RJ
Realidades Impossíveis - Ateliê 397, São Paulo/SP
Sessão Corredor - Ateliê 397, São Paulo/SP
Conexões - Centro de Cultura Raul de Leoni, Petrópolis/RJ

2008

Abre Alas – Galeria Largo das Artes, Rio de Janeiro/RJ – organização A Gentil Carioca
Realidades Imposibles - Fototeca Juan Malpica Mimendi, Veracruz, México
Swimming Pool – Galeria Graça Landeira, Belém/PA
Solar – Galeria Meninos de Luz, Rio de Janeiro/RJ
Selecionados Universidarte XV – Parque das Ruínas, Rio de Janeiro/RJ

2007

I Mostra Índice de Videoarte – Museu Murilo LaGreca, Recife/PE
Selecionados Universidarte XV – Museu da República, Rio de Janeiro/RJ
Diminuir as Distâncias – Itamaraty, Brasília/DF – curadoria de Luiza Interlenghi
Lusovideografia – Oi Futuro, Rio de Janeiro/RJ
Festival MixBrasil de Cinema – Mostra Competitiva – São Paulo/SP, Porto Alegre/RS,
Brasília/DF e Rio de Janeiro/RJ
Festival CinePort – festival de cinema de países de língua portuguesa – João Pessoa/PB
Vídeo nas Trincheiras – NAC/UFPB, João Pessoa/PB
2007, Uma Odisséia no Parque – EAV Parque Lage, Rio de Janeiro/RJ
MAC Vazio – Niterói/RJ
Imaginário Periférico – Sesc Madureira, Sesc Ramos e Sesc Barra Mansa
Universidarte XV – Estácio de Sá, Rio de Janeiro/RJ

2006

Estados Transitórios – EAV Parque Lage, Rio de Janeiro/RJ
Luz Própria - EAV Parque Lage, Rio de Janeiro/RJ
Noite Livre - EAV Parque Lage, Rio de Janeiro/RJ
Imaginário Periférico – Sesc Niterói, Sesc Teresópolis, Sesc Petrópolis e Sesc Nova Iguaçu
UniversidArte XIV – Estácio de Sá, Rio de Janeiro/RJ
A Terceira Margem - Ateliê da Imagem, Rio de Janeiro/RJ

2005

Escambo - Galeria 90 - organização Imaginário Periférico, Rio de Janeiro/RJ
Pyrata - Barcas Rio-Niterói - organização Grupo Py, Rio de Janeiro/RJ
(foto)contemporaneav - EAV Parque Lage, Rio de Janeiro/RJ

